

PESQUISA E-EM-COM A PSICANÁLISE

Jorge Alberto Berlaffa

Médico, especialista em Psiquiatria, Psicanalista e Doutor em Ciências Sociais. Chefe de Departamento de Medicina Interna, Hospital San Antonio de Padua, Río Cuarto (Córdoba — Argentina). É docente titular na Universidad Siglo 21. Instrutor Hospitalário em Carreira de Medicina, Faculdade de Ciências Médicas na Universidad Nacional de Córdoba. Coordenador Docente da Residência Interdisciplinar em Saúde Mental no Ministério de Saúde de Córdoba.

Instituição atual: Universidade Siglo 21.

Boa tarde, queridos amigos. Estou muito feliz em participar no lançamento do primeiro número de Práxis Psicanalítica, também agradeço a honra que Práxis tem me concedido em formar parte do Conselho Editorial.

Desde aquele primeiro contato com Rosane no Congresso de Buenos Aires, tenho encontrado gente maravilhosa e muito comprometida com o seu trabalho. Desejo continuar compartilhando mais espaços e atividades com vocês. Lamento não falar fluidamente o português, por isso vou me ajudar com o escrito.

Felizmente temos o suporte da letra. Esta forma do textual, a escrita, onde espaço e tempo deixam de ser adimensionais e se transformam em localização e escansão. Freud diz que a escrita é umas das formas da linguagem, todo sintoma é um texto que convida a ser lido, não como uma leitura ingênua, nem uma tradução; mas uma transcrição, um deciframento, o sintoma é uma língua e os psicanalistas somos analfabetos frente ele. Precocemente Freud compara o sonho com a escrita hieroglífica. Assim como a pedra *Rosetta* esperou séculos, também o sonho esperou a que seu Champollion empreendesse a tarefa de deciframento.

Comecei pela escrita, não somente porque é o que está sustentando o meu discurso neste momento, mas porque a psicanálise, desde os seus começos, consistiu em uma tarefa de pesquisa sobre a escrita do sintoma, isto é, sobre os traços da escrita do inconsciente. No inconsciente, a letra se deixa ler, mas *não toda*. A letra abre o intervalo entre dois significantes, produz uma rachadura no Real e se produz ali um novo texto. Entre as bordas dessa fenda surge o Sujeito. Letra e origem estão articuladas numa tarefa de pesquisa que está desde o começo da psicanálise. E também comecei pela escrita porque ela está diretamente ligada à pesquisa, toda pesquisa é levada a um texto escrito.

Quando me propuseram o tema, pensei que refletir sobre os termos *pesquisa – psicanálise* requer fazer uma diferença segundo qual seja a conjunção que os articule: pesquisa “e” psicanálise, ou pesquisa “em” psicanálise. Embora, como direi logo, não são as únicas conjunções que ligam a pesquisa à psicanálise.

O primeiro sentido trata-se de uma reflexão sobre a pesquisa científica desde as coordenadas da psicanálise, ou seja, comentar a ciência em termos da psicanálise; tenho minhas objeções nisso. A psicanálise não deveria falar das ciências desde sua perspectiva de verdade, mas fornecer a sua lógica de construção de saberes para ajudar e acompanhar às ciências a refletir sobre os seus saberes e práticas; e se estas o pedem, com certeza. Nesse caso trocamos “e” por “com”, ficaria pesquisa *com* psicanálise.

Na segunda perspectiva, a psicanálise pode pesquisar sobre a sua própria práxis e marco epistemológico; para o qual dispõe de suas próprias ferramentas clínicas e também pode recorrer a outras leituras, a outras linhas de pensamento por fora da psicanálise. Desde Gödel sabemos que nenhum sistema axiomático simbólico pode se explicar a si mesmo. Assim como não há uma palavra que possa dar conta de toda a estrutura da linguagem, a psicanálise também não tem uma verdade que possa dar conta da totalidade do seu saber, por isso é conveniente e necessário que a pesquisa *em* psicanálise se nutra de saberes de outros campos. De qualquer jeito, nas duas perspectivas, trata-se de um debate entre *saber e verdade*.

Sabemos que entre saber e verdade há uma insuperável cisão, é justamente ali onde se cria o espaço de pesquisa *em/com* psicanálise. É nesse hiato onde as ciências conjecturais aplicam o seu método de aproximação à verdade; em psicanálise, como nas ciências conjecturais, a relação entre saber e verdade terá as características de um movimento assintótico.

Freud pretendia dar cientificidade à psicanálise e para isso se apoia no modelo das ciências naturais; Lacan procura ancorar o modelo conjectural da psicanálise a uma formalização que toma o modelo da linguística e das matemáticas no marco do estruturalismo do século XX.

O conceito de pesquisa em psicanálise cobra sentido se está ligado ao ato de pesquisar. Não há uma teoria ou uma epistemologia da psicanálise que possa se sustentar por fora do ato analítico. É nesse ato que se dá a performance de conceitualizar. O conceito de pesquisa é definido a posteriori; isto é, somente quando foi alcançado um resultado que mostra que houve um ato de pesquisa (ou seja, um

ato analítico) é que o conceito é definido. Não há conceito de pesquisa fora do ato analítico.

A pesquisa em psicanálise opera por meio do deciframento. Consiste em procurar, ler e interpretar sinais. Ponto de rompimento metodológico com o modelo científico positivista. Não foi em vão que Freud prematuramente faz uma analogia entre o método psicanalítico e a leitura da antiga escrita egípcia, mais recentemente, outros autores (Soliz Checa 2003), somam à analogia de Freud o método de Sherlock Holmes. Psicanálise, arqueologia e criminalística coincidem em que as três pesquisam sobre os restos, sobre o que ficou disso que se supõe que aconteceu e que contém uma verdade. Este é o método indiciário, se pesquisa sobre *indícios*. Segundo Ginzburg (Apud Soliz Checa e outro, 2003), o método indiciário permite que dados mínimos ou insignificantes possam revelar fenômenos profundos ou muito significativos.

A pesquisa em psicanálise produz um saber que devém em construção de sentido, esse saber tem duas características: é provisório e é em situação, isto é, vai se construindo e vai mudando. Para as ciências experimentais positivistas, o conhecimento deve ser objetivo, exclui em seu método ao sujeito cognoscente, o conhecimento opera por deslocamento e acumulação, segue um percurso lineal e progressivo, não volta atrás. Para a psicanálise, o saber é subjetivo porque sempre refere à subjetivação, é aberto, volta sobre si mesmo articula com outros saberes, desvia-se e reaparece em outros campos existenciais. O saber subjetivo tem um andar nômade e um modo rizomático de se expressar, reaparece em outro lugar criando ou desenvolvendo, outro saber sem destituir o saber precedente. Esta diferença entre *saber* e *conhecimento* nos permite argumentar que a produção e o produto da pesquisa em psicanálise estão mais do lado do saber que do conhecimento. Mas é um saber singular e imanente, não transcendente.

Lacan recorrerá à formalização de suas propostas para lhe dar rigor ao saber e consistência ao seu discurso. Com esta posição epistemológica deixa a um lado a preocupação de Freud por encontrar a cientificidade da psicanálise forçando a esta ao paradigma das ciências naturais. A sua lógica de formalização da psicanálise, seguindo a Peirce (Apud Soliz Checa e outro, 2003), tem como objetivo extrair o maior valor possível e esperável de uma pesquisa nos três tipos de raciocínio qualitativo: indução, dedução e abdução. Lacan, quase desde o início de seu ensino, não se preocupa pôr a oposição entre ciências experimentais e ciências conjecturais,

considerando essa diferença carente de fundamento., em “Função e campo da palavra...” dirá que “a exatidão se diferencia da verdade, e a conjectura não exclui o rigor” (1985, pág. 275). Consegue conciliar ciência e psicanálise deixando aberto um genuíno caminho de relações entre campos epistêmicos heterogêneos. A aproximação à verdade e as condições de verificação deixam de ser um problema para as ciências conjecturais. Embora esta saída não cesse a discussão. Soliz Checa e Unzueta Nostas (2003, parte 1) afirmam que a discussão é que enquanto que a ciência moderna vai procurar aperfeiçoar cada vez mais os métodos de comunicação, de medição, de comprovação e validação do conhecimento, o problema que persiste nas ciências indiciais ou conjecturais é a dificuldade em axiomatizar e comunicar em termos de um catálogo ou manual. O qual mantém aberta a discussão sobre a validade de seu método e a legitimidade dos conhecimentos.

A psicanálise não se interessa em ordenar, agrupar ou classificar; já que a produção do discurso analítico não requer dos resultados dessas técnicas, como também não aspira a obter teorias universais validadas estatisticamente (Gómez, 2012). O que a ciência moderna não aceita é que a disjunção entre saber e verdade é insuperável; nessa rachadura é onde aparecem as ciências conjecturais, com uma matriz epistemológica diferente podem contribuir à ciência positiva, não conhecimentos, mas um modo de conhecer. O que se oferece é pesquisar *com* Psicanálise.

Curiosamente, a mais dura de todas as ciências exatas, a física, é a que mais abertura apresenta em resolver este obstáculo epistemológico. O progresso científico e o aperfeiçoamento das técnicas de produção alcançam a produzir cada vez maior quantidade de produtos, e transformar cada vez mais a natureza. Essa transformação do Real, sempre deixa um resto que a natureza nem a técnica podem absorver ou reintegrar, é um objeto de resíduo, do mesmo jeito que ocorre na produção de subjetividade (Soliz Checa e outro, 2003). A psicanálise entra em relação com a ciência, quando se ocupa desses restos que a cultura vai deixando tanto na produção de mercadorias, como na transformação da natureza e na produção da subjetividade. Poderíamos dizer que a psicanálise pesquisa *em e com* os restos do capitalismo.

Acredito que já estou no limite do tempo previsto para minha apresentação, mas antes de terminar farei um breve comentário sobre a situação da pesquisa e psicanálise na Argentina. Tomarei como guia o desenvolvimento que Mariana Gómez

(2012) faz no artigo de referência, mas acrescentarei uma quarta área que me parece muito interessante e que não acho ingênua sua omissão. Vou resumir, então, delimitando quatro aspectos: o primeiro, o campo da clínica, onde se observa, na Argentina, o maior desenvolvimento de trabalhos, tanto no âmbito acadêmico como no assistencial. Seguidamente, outro âmbito onde a pesquisa está encontrando muitos interessados é na formação e os modos de transmissão, isto seria pesquisar “em” psicanálise. Logo encontramos que outros campos do conhecimento percorrem a categorias da psicanálise como a sociologia, antropologia, teoria política; isto seria pesquisar “com” psicanálise. E finalmente minha contribuição, há um âmbito muito interessante, pesquisar “sobre” psicanálise, poderíamos dizer que Lacan foi o pioneiro em interpelar certos aspectos dogmáticos da psicanálise, mas esta vertente encontra um notório avance na corrente pós - estruturalista com os trabalhos de Foucault, Deleuze e Guattari, os quais interpelam a matriz epistêmica da psicanálise. Abrindo espaço para este último campo de prática, possivelmente conseguiremos que a psicanálise adquira a forma de um “todo aberto” (Kohn, 2021, pág. 37), o que permitiria rever seu próprio discurso, seus modos de produção e validação do conhecimento, e seu ensinamento; dessa forma se posicionaria como uma práxis aberta ao invés de uma disciplina fechada

Vou fechar com uma apreciação de Adriana Rubinstein (2007):

“Quiçá como expunha Bachelard, a fantasia de unificação do conhecimento funciona como um obstáculo epistemológico que empobrece os sucessos de cada território, demandas de unificação que são mais um imperativo ideológico do que um problema interno do conhecimento”.

Bibliografia citada e consultada

GÓMEZ Mariana. Psicoanálisis e investigación científica. Perspectivas v posibles abordajes metodológicos. **Revista Tesis**. Nº 1. pp. 171-185. Córdoba

(Argentina). disponível em
<https://rdu.unc.edu.ar/bitstream/handle/11086/22038/15.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acessado em 9 de fevereiro de 2022

KOHN Eduardo. **Cómo piensan los bosques**. Hekht Libros. Buenos Aires. (2021)

LACAN Jacques. **Función y campo de la palabra en psicoanálisis**. Em: Escritos 1. Siglo 21. Buenos Aires. (1985)

RUBISTEIN, Adriana M. La eficacia del análisis y el uso del caso en los textos freudianos. **Anu. investig.**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 14, p. 00, dic. 2007. Disponible en
<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16862007000100040&lng=es&nrm=iso>. accedido en 10 feb. 2022..

SOLIZ CHECA, Delia; UNZUETA NOSTAS, Carla Ingrid. INVESTIGACIÓN Y PSICOANÁLISIS. **Ajayu**, La Paz, v. 1, n. 2, p. 49-57, agosto 2003. Disponible en
<http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2077-21612003000200006&lng=es&nrm=iso>. accedido en 10 feb. 2022.